

## Antigos Logradouros

Já falamos de uns poucos logradouros do início da cidade, na introdução deste trabalho. A partir de agora trataremos daqueles e de outros mais, que já se perderam no tempo.

Antes, devemos registrar que por volta de 1885 a cidade possuía, não contando as que não estavam de todo preenchidas, 4 praças e 8 ruas, todas calçadas e iluminadas à querosene, conforme registra o Almanaque daquele ano.

Em 1890, permaneciam as quatro praças (Rosário, Visconde do Rio Branco, Félix Martins e Professor Ângelo) e já contávamos com dez ruas (Riachuelo, Tiradentes, Sete Setembro, Primeiro de Março, Cotegipe, Palha, Dr. Vasconcelos, Flores, Boa Vista e João Gualberto), segundo a Gazeta de Leste, de 11.10.1890, que publica nota do subdelegado de polícia dividindo a cidade em nove quarteirões, para efeito de segurança.

Por esta nota, tais quarteirões estavam assim distribuídos:

1º - Começa na casa de negócios de Adrelino Pinheiro de Senna, propriedade de Valério Ribeiro de Rezende, pela rua Riachuelo até a casa Ferreira Neto e Cia, na esquina do Largo do Rosário.

2º - A partir do largo do Rosário e rua Tiradentes até a casa de negócio do Pedro Barra, na esquina da 7 de Setembro.

3º - A partir da casa do Olívio Vargas Correia, no começo da rua Primeiro de Março e por esta até o alto da matriz.

4º - Rua Sete de Setembro até o sobrado de Eugênio Botelho e Tiradentes até a casa do Tomaz de Almeida Pinho.

5º - Da casa ao lado do sobrado do Eugênio Botelho, continuação da Sete de Setembro, Tabocas até o alto do Sapecado.

6º - Rua Cotegipe, a partir da casa do Custódio Cruz, até a estação e a rua da Palha.

7º - Largo Cap. Félix Martins até a subida da serra, passando pela chácara do João Lourenço Ferreira de Lacerda, rua Dr. Vasconcelos até a casa de Francisco Vargas Correia.

8º - Rua das Flores até a rua da Boa Vista e por esta, atravessa a ponte até o alto da ventania.

9º - Rua Capitão João Gualberto, Largo Prof. Angelo e rua da Boa Vista até encontrar a rua das Flores.

Como se pode observar, algumas dessas praças e ruas hoje não carregam a mesma denominação.

E é para que não sejam definitivamente esquecidas, uma vez que fazem parte da história da cidade, que abrimos este capítulo dedicado aos Antigos Logradouros de Leopoldina.

São eles:

## **APRENDIZADO**

É o nome pelo qual geralmente se referia à chácara onde funcionava o “Aprendizado Agrícola”, vinculado ao Ginásio Leopoldinense, localizada nas proximidades da Quinta Residência. Hoje essas terras estão quase todas urbanizadas. Ali trabalhava o agrônomo estadual Dr. João Damasceno Portugal, figura muito querida na cidade, que realizava experiências em agronomia tanto no Aprendizado como na fazenda do Estado, hoje Epamig, na Lajinha. Antigos moradores contam que a estrada do contorno (Rio-Bahia) cortou ao meio o Aprendizado.



A fazenda do Aprendizado era constituída de parte das terras que pertenceram a Ezaú de Lacerda Leal, filho de Lourenço José Leal e Ana Catarina Ferreira de Lacerda, neto paterno de Álvaro Pinheiro Corrêa de Lacerda, neto materno de José Ferreira Brito e Mariana Paz de Lacerda, e irmão de João Lourenço Ferreira de Lacerda, que deu nome à antiga chácara depois bairro João Lourenço. Ezaú descendia, portanto, de duas das antigas famílias leopoldinenses: os Ferreira Brito e os Pinheiro Corrêa de Lacerda.

## **ARGIRITA, praça**

A praça Argirita é a atual Francisco Pinheiro de Lacerda. Era conhecida, também, como “rodo” ou, praça do posto V8. Fica entre as ruas Gabriel de Andrade Junqueira, José Peres, Custódio Junqueira e a avenida Getúlio Vargas.



Seu nome foi mudado pela lei nº 437, de 25.07.1962 que o alterou para Francisco Pinheiro Correia de Lacerda. Por esta época estava sendo articulada a emancipação administrativa do antigo distrito de Leopoldina, efetivada a 30 de dezembro de 1962, com solene instalação do novo município no dia 01 de março de 1963.

Argirita, ou pedra de prata na língua geral, foi o nome dado ao antigo Curato de Bom Jesus do Rio Pardo em 1923. Seu povoamento remonta ao início do século XIX, sendo as primeiras sesmarias das margens do rio Pardo doadas em 1813 a dois sobrinhos do alféres Joaquim José da Silva Xavier e suas esposas. Felisberto da Silva Gonçalves, sua esposa Ana Bernarda da Silveira, o irmão de Felisberto chamado Domingos Gonçalves de Carvalho e a esposa deste, Antonia Rodrigues Chaves, receberam sesmarias em novembro de 1813. Posteriormente outras famílias vieram residir nas imediações, incluindo a família de José Paradelas, um dos doadores do patrimônio do Senhor Bom Jesus. A 6 de abril de 1839 foi criado o distrito no município de Rio Pomba. Em 1868 foi transferido para Mar de Espanha e logo a seguir passou à subordinação administrativa de Leopoldina, mantendo-se assim até 1962.

## **ARRANCA-TOCO**

É o local onde está hoje o Estádio Municipal Otacyr Lacerda França. Ali existia um terreno plano, muito utilizado pela meninada para a prática do futebol. Como o local possuía um gramado irregular e cheio de pequenos arbustos que deixavam tocos, recebeu a denominação de Arranca-Toco.

## **BOA VISTA, rua**

(Centro) – Ligava a atual Sebastião Pereira Bela à praça Professor Ângelo.

No início esta rua formava com a rua Manoel Lobato, um caminho para os tropeiros procedentes dos lados do bairro da Onça ou, que para lá se destinavam.

Sabe-se que em 1881 já havia recebido esta denominação e antes de 1950, seu nome já era João Neto, uma vez que a denominação de Boa Vista aparece em outra via localizada no bairro do Cemitério.

Parte desta antiga rua Boa Vista, que vai da rua das Flores até o início da Sebastião Pereira Bella, recebeu o nome de Joaquim Garcia de Oliveira. O trecho que vai da rua das Flores até a praça Professor Ângelo denomina-se rua João Neto.

A Gazeta de Leste, de 11.10.1890 informa que o oitavo quarteirão era formado pela rua das Flores até a rua da Boa Vista e por esta, atravessava a ponte até o alto da ventania.

Segundo o Almanaque de 1885, na rua Boa Vista, na Grama, residia o suplente do delegado de polícia, Ângelo Lopes dos Reis; o escrivão da coletoria, tenente Aureliano Lopes de Faria, os negociantes Manoel Pereira Borges, Gonçalves & Cia, Thomaz Pereira do Amaral

Lisboa, Antonio Pedro da Silva Lessa, Francisco Antonio Ribeiro e José Pereira Dutra e o ferreiro Demétrio.

Encontramos no livro 7 de atas da câmara, fls 77 verso, datado de 07.01.1881, pedido de Joaquim Lopes Guimarães e diversos moradores do bairro da Grama reclamando calçamento, aterro e outros melhoramentos na rua Boa Vista. Neste mesmo livro, às fls. 80verso, em 07.02.1881, trata-se da necessidade de calçar um poço na rua da Boa Vista. Na fl. 84verso, em 08.02.1881, trata-se da necessidade de calçar a rua da Boa Vista porque o terreno é muito baixo e com as chuvas fica intransitável. E já que a câmara não pode fazer o calçamento, deve obrigar os proprietários a calçarem suas testadas conforme as posturas municipais e a câmara calçará a parte relativa aos terrenos vagos.

Ainda neste mesmo livro, às fls 91, em 08.03.1881, está o registro de que foi apresentado orçamento para o calçamento da rua da Boa Vista, contratado em 09.04.1881.

O livro caixa da câmara municipal de Leopoldina, fls 15, 10.08.1881, registra que foi pago a José da Costa Godinho, como adiantamento conforme contrato que assinou para levantamento da ponte na Rua da Boa Vista, 400\$000. E ao fiscal, pela limpeza do córrego da Boa Vista e madeiras fornecidas para o matadouro, a importância de 70\$000. Às fls 18, com a data de 24.09.1881, está o pagamento feito a José da Costa Godinho pela última prestação do contrato da ponte da rua Boa Vista, no valor de 800\$000.

### **BOA VISTA, rua**

(Cemitério) – É a atual rua Enéas Lacerda França.

A lei nº 97, de 18.02.1950, se refere a uma rua Boa Vista, que existia no bairro do Cemitério. Por esta lei, passa a denominar-se São José a praça formada pela confluência da rua Fajardo com a rua Boa Vista e estrada antiga de Cataguases. Local que era conhecido como largo do Cemitério.

Uma outra lei, a de nº 111, de 28 de julho desse mesmo ano, altera a denominação dessa rua Boa Vista para rua Enéas Lacerda França.

### **BOMBA, rua**

É a atual rua Carlos Rubens Castro Meireles. É a rua que passa pelos fundos do Colégio Estadual, margeando o Feijão Cru.

Era conhecida como rua da “Bomba” porque ali existiu, quando da abertura da rua, um poço artesiano que fornecia água para a cidade, antes da captação das águas do rio Pirapetinga.

### **BR-120, rodovia**

É a estrada asfaltada que liga Leopoldina a Cataguases. Hoje recebe o nome de estrada Ormeu Junqueira Botelho. Seu trajeto original, de saibro, passava pelo bairro do Limoeiro.

A abertura dessa nova estrada e o seu asfaltamento foi, durante muitos anos, promessa de campanha de diversos candidatos a cargos eletivos. Desse fato surgiu, na ocasião, o seu apelido de “estrada três de outubro”, porque era lembrada somente na época das eleições, que ocorriam sempre nesse dia.

### **BURACO, rua**

Esta é uma das ruas que possivelmente teve o seu nome fixado pela comissão de 1880. Em 1879 chamava-se rua do Buraco e, em 1890, já é citada como sendo rua das Flores.



A lei nº 867, de 24.01.1973, alterou o nome da rua das Flores, para rua Ranulfo Matola de Miranda mas logo em seguida esta lei foi revogada, permanecendo a denominação anterior.

No livro nº 6 de atas da câmara, fls. 64verso, 28.04.1879, José Soares da Silva Pechincha pede autorização para construir no terreno vago anexo à casa de João Gonçalves Neto e perto da ladeira que vai para a rua denominada Buraco. *Mandou-se que o Fiscal e o Alinhador marcassem o terreno e que o interessado pagasse os direitos.* Às fls. 71verso, desse mesmo livro, em 01.07.1879, é indicada a abertura de uma rua que saindo da rua do Buraco vá encontrar a *rua que sobe para a Matriz, acima da casa de João Neto, em terreno cedido por Venâncio de Almeida, dando-se a Venâncio outro tanto terreno e mais 10 palmos, devendo haver na mesma rua uma servidão de caminho até o córrego.*

Por esta última nota conclui-se que a rua do Buraco, em 1879, ligava a rua João Neto à descida para a rua Joaquim Guedes Machado. A subida, a partir dali, até à Lucas Augusto, foi construída após 01.07.1879.

### **CAMINHO DO MEIO**

(Catedral) – É a atual rua Santa Filomena. Liga a praça Professor Ângelo à rua Plóbio Cortes de Paula.

Ao que parece o nome de Caminho do Meio se deve ao fato de esta rua cortar o morro da Catedral ao meio ou, por ficar a meio caminho da rua da Grama para a Catedral.

### **CAMPO LIMPO, rua**

É a atual rua Ribeiro Junqueira. Foi a lei nº 50, de 22.02.1949, que alterou a sua denominação para a atual.

O distrito de Campo Limpo foi criado a 12.11.1878, dentro do município de Leopoldina. A 27 de dezembro de 1948 recebeu a denominação de Ribeiro Junqueira, em homenagem a esta família, que no ano seguinte passou a denominar também a rua que levava o nome do distrito.

### **CATAGUASES, rua**

(Rosário) – É a atual rua Dr. Ormeu Junqueira Botelho. Foi a lei nº 684, de 18.04.1969, que deu a denominação de rua Cataguases à nova rua, sem denominação, que liga a ladeira Riachuelo à rua Lindolfo Pinheiro de Lacerda.

Remonta ao ano de 1828 a doação para o patrimônio de Santa Rita da Meia Pataca, instituído Curato em 1832. A 10 de outubro de 1851 foi elevado a distrito, subordinado ao município de Leopoldina. No dia 25 de novembro de 1875 foi promulgada a lei de sua elevação a município, fato só efetivado no dia 08 de setembro de 1877, quando finalmente Cataguases desvinculou-se de Leopoldina.

### **CAXIAS, DUQUE, largo**

O Almanaque de 1885 informa que o advogado Dr. Aristides Cezar de Almeida poderia ser encontrado no largo Duque de Caxias.

Na divisão de 1890, à qual nos referimos no início deste capítulo, não há qualquer menção a este largo e nenhuma outra informação sobre ele apareceu nos documentos até aqui pesquisados.

### **CEMITÉRIO, largo**

(Cemitério) – É a atual praça São José, situada em frente ao portão principal do Cemitério.

### **CONCÓRDIA, largo**

No livro de atas da câmara de nº 6, com data de 04.06.1877 está a petição de José Pereira de Oliveira oferecendo-se a fazer o gradil do largo da Concórdia a quinze mil reis o metro, com esteios de ferro a cinco mil reis cada um.

No livro de atas de nº 7, fls 22, 10.02.1880, um Dr. Pestana declara que o prédio em construção no largo da Concórdia, conquanto o construtor exceda o terreno concedido pela câmara, estreitando em 20 palmos a rua que vai ao córrego e que por isso deveria ser

demolido, seja no entanto conservada a construção de pedra já feita, atendendo à importância da obra mas pagando o construtor pela concessão deste excesso, mais multa por ter edificado em parte sem concessão e prévio pagamento dos direitos de construção assim como a multa em que incorreu sem ter previamente sido alinhado e marcado o terreno.

### **CONSTANÇA, colônia**

Constança são as terras que ficam nas imediações do trevo na BR-116, que dá acesso a Tebas. Segundo se sabe ali existiu a fazenda Constança que, posteriormente emprestou seu nome à Colônia de imigrantes que se criou no município.

Sobre esta Colônia, sabe-se que vinha sendo planejada desde 1909. Relatório da Diretoria da Agricultura, Terras e Colonização, desse ano, assinado por Guilherme Prates, informa que *“Acha-se situada no districto da cidade de Leopoldina, a quatro quilômetros da estação da estrada de ferro. Tem área de 17.437.500,00 metros quadrados, dividida em 60 lotes, com cerca de 25 hectares cada um e um logradouro público.”*

Mas a criação da Colônia ocorreu em 12.04.1910, através do Decreto Estadual nº 2801 e para a sua constituição o Governo adquiriu a fazenda Constança; a fazenda Sobradinho; a fazenda Boa Sorte, com 122 alqueires, em 02.03.1909, conforme o Anuario Historico Chorographico de Minas Gerais daquele ano; a fazenda Modelo D. Antonia Augusta, em 1910; e, as fazendas Palmeiras e Santo Antônio do Onça, em 1911.

Nessas terras, inicialmente, foram demarcados 60 lotes. Com as aquisições seguintes a colônia passou a contar com 73 lotes. Destes lotes, ao final de 1912, apenas 64 estavam ocupados.

As casas da Colônia tiveram como modelo (planta) as da Colônia Vargem Grande, uma colônia que já existia, nas proximidades de Belo Horizonte.

A Colônia Constança era dirigida por representante do governo, responsável pela venda dos lotes, recebimento das prestações e organização da colônia. E consta que o primeiro deles foi o sr. Fernando Sellani, familiar de Santo Sellani, que ocupou o lote 60, a partir de 11.06.1910 e que permaneceu no posto até outubro de 1909. Posteriormente foi nomeado para o cargo Guilherme Prates que, segundo a Gazeta de Leopoldina, de 27.05.1911, permaneceu no posto até 16.05.1911, quando foi transferido para a Colônia Santa Maria, em Sobral Pinto/Astolfo Dutra. Nessa mesma ocasião, da Santa Maria, veio o diretor Félix Schmidt, que administrou a Constança por um curto período pois, em 30.06.1911 veio a falecer. Assumiu o cargo, a partir daí, o sr. Climério Duarte Godinho, que já exercia a função de auxiliar, desde julho de 1909 e que permaneceu até a total quitação dos financiamentos dos lotes e emancipação da colônia, ocorrida em 03 de março de 1920. O sr. Climério residiu na sede da Colônia, que funcionava na antiga fazenda Boa Sorte, hoje de propriedade dos herdeiros de João Bonin, onde funciona a escola pública que atendia às famílias dos colonos e que se transformou na atual E. M. Climene Godinho.

### **CORÉIA, bairro**

Era o nome corrente do bairro de Fátima.



Aparentemente o nome foi dado pelos italianos que ali viveram no início do século dezenove. Trata-se de antiga dança grega, em italiano chamada Coreia, muito comum na Itália, com bailado infantil muito agitado e cantos, também conhecida como Ballo di San Vito.

### **DESCAROÇADORES, rua**

(Fábrica) – O nome provém da atividade de retirada dos caroços do algodão para processamento na fábrica, realizada num galpão de sapé ali existente em tempos antigos. Conta-se que algumas famílias produtoras de algodão encarregavam suas filhas do transporte até a fábrica, com isso gerando grande ansiedade por parte dos funcionários que se deleitavam com a presença feminina.

Ver rua Izauro Bretas.

### **DESENGANO, avenida**

Foto do arquivo do Centro Cultural Espaço dos Anjos nos induz a concluir que esta avenida é a atual rua Custódio Junqueira. Também, através de foto, constatamos que ela recebeu, posteriormente, o nome de avenida Santa Isabel, denominação do distrito que passou a se chamar Abaíba.



Ver, em Antigos Logradouros, Isabel, Santa.



### **DIREITA, rua**

(Rosário) - Esta rua existiu nos primeiros tempos da cidade. É a atual rua Gabriel Magalhães.

Sobre ela já nos ocupamos na introdução deste trabalho. Acrescentamos aqui, mais alguns detalhes.

Pela rua Direita, chegava-se à Grama, por um caminho que, possivelmente, se transformou na atual rua João Gualberto.

Francisco de Paula Ferreira de Rezende explica que os limites do patrimônio de São Sebastião, embora não pudesse precisar, “acreditava ser o Feijão Cru e um pequeno lacrimal (córrego) que, vindo dos lados do cemitério velho, atravessa a rua do Rosário e, depois de já estar junto com o corregozinho que passa pela Cadeia (atual Clube Leopoldina), atravessa a rua Direita e vai entrar no Feijão Cru”.

No livro 6 de atas da câmara, às fls 28 verso, 22.03.1878, Custódio Cruz pede a construção de um pontilhão sobre o córrego da rua Direita. Na folha 52, 07.02.1879, está o curioso registro da leitura de um ofício de Silverio Antonio Mendes comunicando que tendo *tomado um vomitorio* não podia comparecer. Se no dia seguinte o tempo estivesse bom, compareceria a fim de aceitar o contrato de calçamento da rua Direita que havia arrematado em hasta pública, assim como o calçamento da porta da igreja do Rosário até a rua Formosa.

Neste mesmo livro, às fls 76 verso, 25.07.1879, trata-se da adequação da rua que “*da rua direita dirige-se a municipal pelo morro da Matriz, de conformidade com a postura, por que não tem 30 palmos de largura a dita rua.*”

A mudança do nome da rua Direita trouxe para Leopoldina uma referência à vitória em Aquidabã que deu fim à Guerra do Paraguai. Já em 1880 a mesma rua é denominada Primeiro de Março em documentos da câmara municipal.

### **FEIJÃO CRU, praça e travessa**

Praça - (Mina de Ouro) – Ficava no início da rua Sebastião Pereira Bella.

A idéia do nome dessa praça foi do então vereador Elói Rodrigues Neto que desejava dar a uma praça o primeiro nome pelo qual se conheceu o povoado de Leopoldina. Seu projeto se transformou na lei nº 654, de 31.07.1968 que “denominou Feijão Cru a praça a ser criada pela atual administração, no bairro Mina de Ouro, entre as ruas Sebastião Pereira Bela, São Pedro, João Neto e Vila Gilda.”

O local recebe hoje o nome Largo Dr. Sebastião Campos Alvim.

**Travessa** - (Mina de Ouro) – É o trecho da atual rua Joaquim Guedes Machado que vai da esquina da rua José Lintz até encontrar-se com a rua das Flores.

### **FLORESTA, rua**

(Centro) – É a atual rua Francisco de Andrade Bastos.

Nela, em 1925, foi construída a residência do cel. Francisco de Andrade Bastos, segundo a revista Brasil Progresso de setembro daquele ano.

Ver, em Logradouros Atuais, Francisco de Andrade Bastos.

### **FORCA, morro**

Hoje é conhecido como Pirineus.

Conforme relato de Barroso Júnior ali, quando o arraial se fez vila, ergueu-se uma forca onde foram executados pelo menos três escravos acusados do assassinato do seu amo.

Esta história se repete em outros textos que dizem, inclusive, que o carrasco teria sido um tal Fortunato.

Segundo o relatório da Presidência da província para o ano de 1856, em setembro daquele ano, no então distrito de São José do Paraíba, o norte americano Michael Jackson foi assassinado por seus escravos Davi, Américo, Antonio, Francisco, Miguel, Vicente e Joaquim. Presos e encaminhados para a cadeia pública de Leopoldina, foram julgados no ano seguinte. Quatro deles, Davi, Américo, Vicente e Joaquim foram condenados e enforcados no dia 15 de dezembro de 1857. Pelo mesmo relatório este enforcamento teria sido executado por um outro carrasco que não o citado Fortunato.

O Almanaque de 1885, diz “que em 1832 o reverendo cura Manoel Antonio rezou a primeira missa numa tosca capelinha, coberta de bicas de palmito e erecta no alto do morro do antigo cemitério e forca.”

Diz, ainda, o mesmo texto, “que ali se vêm altos comoros de terra mortuários e tendo-se enforcado lá uns escravos incursos na lei de 10 de junho, sucedeu que a um cúmplice de menor idade fôsse poupada a pena capital. Conhecemo-lo solto, depois de cumprida a pena que lhe fora imposta: adoeceu gravemente e na hora da agonia, ergueu-se do leito e envolto num lençol, como um fantasma, encaminhou-se para junto da cova de seus parceiros, onde exalou o último suspiro”.

E completando a história o autor afirma que: “Em verdade a religião não sentia simpatia por tal vizinhança e pois o templo mudou-se, como a arca, para o meio do morro de São Sebastião, entre as casa, ora pertencentes ao Dr. Américo Lobo e a João Neto, sendo afinal transferido para o alto, onde hoje campea a igreja matriz”.

A Gazeta de Leopoldina, de 22.08.1911, fala da existência de uma caixa d’água no morro da forca e de uma cerca construída nas Tabocas, por Adão Pereira Rodrigues, que impedia o trânsito e acesso à mina.

### **FORMOSA, rua**

Conforme nota já transcrita em rua Direita, no livro 6 de atas da câmara, fls 52, 07.02.1879, foi lido um ofício de Silverio Antonio Mendes comunicando que tendo *tomado um vomitorio* não podia comparecer. Se no dia seguinte o tempo estivesse bom, compareceria a fim de aceitar o contrato de calçamento da rua Direita que havia arrematado em hasta pública, assim como o calçamento da porta da igreja do Rosário até a rua Formosa.

Nesse mesmo livro, às fls 57, 03.03.1879, é autorizada a reforma da fonte pública da rua Formosa, sob a direção do Dr. Horta Barbosa. E diz o registro “*que fique d’esde já prohibido.... lavar roupa ou quaes quer outros objectos nas fontes publicas, sob pena de vinte quatro horas de prizão e cinco mil reis de multa.*”

Por estas duas notas conclui-se que esta rua é a que faz a ligação da praça do Rosário com o bairro Seminário.

Às fls nº 24verso do livro de atas nº 7, com a data de 01.03.1880, o fiscal diz que é necessário consertar um bueiro na rua Formosa, defronte da *pharmacia* de Francisco James e por outra frente com Januario Italiano.

### **GRAMA, rua**

Livro de atas nº 7, fls 14, reunião de 07.01.1880. “Uma petição assinada por Antonio Alves Cordeiro e diversos outros moradores da rua da Gramma reclamando o calçamento da rua, por se julgarem com direito aos mesmos favores ou concessões feitas aos habitantes das demais ruas da cidade. Reclamam e pedem as necessárias ordens para o calçamento de que falam, visto que em princípio do exercício deve existir a maior parte da quantia votada para obras públicas, acrescentando que nesta rua residem empregados públicos, negociantes, oficiais e muitas outras pessoas sujeitas ao imposto municipal”. Foi nomeada uma comissão composta dos doutores Antonio Horta Barbosa e José de Moura Neves para orçar o calçamento requerido ou “*macadâm*”, declarando quanto se poderá gastar com uma ou outra coisa.

Ver mais em Grama, bairro, em Logradouros Atuais.

### **HARMONIA, fonte, rua e praça.**

O livro nº 6 de atas da câmara, fls 54, em 20.02.1879, informa estar sendo reparada a fonte da Harmonia. E diz a nota que é necessário “*aumentar a caixa d’água de 3 a 4 palmos, colocar um cano de chumbo da caixa até a bica, desmanchar o paredão que serve de invólucro do cano, rasgar a terra para o lado do paredão na extensão de 144 palmos quadrados.....*”

Nesse mesmo livro, às fls 75verso, com a data de 23.07.1879, consta a aprovação de pedido apresentado em ata anterior concedendo ao italiano Pasquale Zavataro 10 palmos de terreno na frente da casa que ele estava construindo na rua Harmonia, para que ele fizesse um jardim na frente da casa. Na petição ele havia citado que o terreno estava destinado a um beco

entre a casa do Sr. Juiz e a dele. Na concessão o logradouro é citado como praça, não rua e é exigido que ele feche o espaço com *frandes* de ferro ou madeira, não excedendo a altura de 8 palmos.

No livro nº 7 de atas, folhas 21/22, de 10.02.1880, o fiscal informa que o italiano Zavataro pediu o terreno para fazer jardim e está edificando no local.

## **INDUSTRIAL, bairro**

Era o nome antigo do atual bairro da Fábrica.



Apesar do nome registrado, há dúvidas sobre a localidade fotografada.

## **ISABEL, SANTA, avenida**

Analisando fotografia existente no arquivo do Centro Cultural Espaço dos Anjos, onde aparecem as palmeiras existentes na praça Félix Martins, concluímos que esta avenida é a atual rua Dr. Custódio Junqueira. Ela recebeu, também, o nome de avenida Desengano.



Registre-se que em 21 de novembro de 1890 foi criado o distrito de Santa Isabel, dentro do município de Leopoldina. Seu território provinha do distrito de Conceição da Boa Vista. A 31 de dezembro de 1943 seu nome foi mudado para Abaíba, que no dizer do padre A. Lemos Barbosa, em Pequeno Vocabulário Tupi-Português, livraria São José, RJ, 1951, significaria difícil, trabalhoso, confuso ou, numa segunda acepção, futuro esposo ou namorado.